

03/02/2016 - 05:00

Para trazer as elites para perto do povo

Por **Martin Wolf**

Nos enfrentamentos iniciais da disputa pela Casa Branca em 2016, Ted Cruz, um candidato republicano descrito como um "charlatão", tem ofuscado Donald Trump, um "narcisista". Enquanto isso, Bernie Sanders, um autoproclamado socialista democrático, está mais ou menos empatado com Hillary Clinton, a favorita do establishment. Ou seja, está em pleno andamento uma rebelião contra as elites. A questão vital é se (e como) as elites ocidentais podem ser levadas para mais perto das pessoas.

Nós não somos chineses. Talvez até mesmo os chineses não permanecerão satisfeitos em ceder a responsabilidade por assuntos públicos a uma elite escolhida por si mesma. No Ocidente, porém, a ideia de cidadania - de que a esfera pública é propriedade de todos - não é apenas muito antiga; ela tem sido também objeto de uma disputa em última instância bem sucedida ao longo de séculos. Um atributo essencial de uma vida boa é que as pessoas não apenas desfrutem uma série de liberdades pessoais, mas tenham também voz nos assuntos públicos.

O resultado de liberdade econômica individual pode ser a criação de grandes desigualdades, o que nega noções realistas de democracia. A governança de sociedades modernas complexas requer conhecimento técnico - e já enfrentamos o perigo de que a distância entre as elites econômicas e tecnocráticas, por um lado, e a massa da população, por outro, torne-se demasiado grande para que possa ser superada. No limite, pode ocorrer uma ruptura total da confiança. Nessas circunstâncias, o eleitorado recorrerá a agentes externos para limpar o sistema. Estamos assistindo uma guinada no sentido de crescente confiança em "forasteiros" - não só nos EUA, como também em muitos países europeus.

Divergência entre o sucesso da elite e o insucesso dos demais é notável nos EUA. À medida que os EUA desenvolveram uma distribuição de renda de estilo latino-americano, sua política passou a ficar infestada pelo estilo latino-americano de populistas

Uma visão complacente diz que os descontentes podem manifestar seu descontentamento, mas o centro vai se manter. Isso é perfeitamente possível. Mas é uma estratégia arriscada. Se o descontentamento piorar, o centro poderá não se sustentar. Mesmo que se sustentasse, não seria feliz uma sociedade democrática com uma grande minoria descontente e uma maioria plena de desconfiança. No entanto, surgiu essa distância entre as atitudes das elites esclarecidas em relação às instituições estabelecidas e aquelas da opinião pública em geral.

Bem, e quais são as causas dessa cisão de atitudes? Uma delas é mudança cultural. Outra é desagrado em face de mudanças na composição étnica das nações. Além disso, há nervosismo diante da crescente desigualdade e insegurança econômicas. Talvez a causa mais fundamental seja um sentimento crescente de que as elites são corruptas, incompetentes e complacentes. Demagogos capitalizam essas fontes de preocupação e raiva. É isso o que eles fazem.

Como aponta recente nota da OCDE, a desigualdade aumentou substancialmente na maioria de seus países membros nas últimas décadas. O grupo 1% mais rico obteve grandes aumentos em participação na renda total antes de descontados os impostos. Essa divergência entre o sucesso da elite econômica e a relativa ausência de sucesso entre os demais tem sido particularmente notável nos EUA. Assim, observa a OCDE: "Entre 1975 e 2012, cerca de 47% do crescimento total da renda antes de impostos [nos EUA] foi para o 1% no topo". À medida que os EUA desenvolveram uma distribuição de renda de estilo latino-americano, sua política passou a ficar infestada pelo estilo latino-americano de populistas, tanto de esquerda quanto de direita.

Como deveriam reagir os que ocupam o centro? Políticos bem sucedidos compreendem que as pessoas precisam sentir que

Aqui vão alguns elementos do que precisa ser feito. Em primeiro lugar, entre todos os aspectos da globalização, a migração em massa é o mais perturbador. Movimentos através das fronteiras precisam ser postos sob controle. Nunca deveria ter sido permitida a presença de 11 milhões de imigrantes sem documentos nos EUA. No caso da Europa, recuperar o controle das fronteiras é uma prioridade absoluta para a sobrevivência da União. Os refugiados precisam agora ser a prioridade. Isso exige a criação de uma substancial capacidade europeia de promover a ordem além das fronteiras do bloco.



Em segundo lugar, a zona do euro precisa embarcar em um questionamento fundamental de suas doutrinas macroeconômicas focadas em austeridade. É estarrecedor que a demanda agregada real esteja substancialmente menor do que no início de 2008.

Em terceiro lugar, o setor financeiro precisa ser controlado. Está cada vez mais claro que a grande expansão da atividade financeira não trouxe melhorias proporcionais ao desempenho econômico. Mas tem facilitado uma imensa transferência de riquezas.

Próximo ponto: o capitalismo precisa ser mantido competitivo. Estamos em uma nova era dourada em que o setor privado exerce grande poder político. Uma resposta é promover a concorrência implacavelmente. Isso exigirá ação determinada.

Além disso, a tributação deve ser mais justa. Os donos do capital, os gestores de capital e algumas companhias dominantes desfrutam ganhos espantosamente pouco tributados. Não é suficiente que líderes empresariais insistam estarem cumprindo à lei. Essa não é uma definição adequada de comportamento ético. Esse ponto de vista é particularmente hipócrita, quando interesses comerciais desempenham um papel tão poderoso na formulação dessas leis.

Além disso, a doutrina da primazia dos acionistas precisa ser contestada. Acionistas gozam o privilégio da responsabilidade limitada. Com essa limitação de seus riscos, seus direitos de controle devem ser, na prática, limitados, para favorecer as pessoas mais expostas aos riscos inerentes às empresas, como os funcionários com longo tempo de casa. E, finalmente, o papel do dinheiro na política precisa ser contido com firmeza.

As sociedades ocidentais estão sujeitas a tensões crescentes. Grande número de pessoas sentem-se desrespeitadas e despossuídas. Isso já não pode ser ignorado. **(Tradução de Sergio Blum).**

Martin Wolf é editor e principal analista econômico do FT